

ERA UMA VEZ NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LIVRO “A MENINA E O VESTIDO DE SONHOS” COMO CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIA.

ONCE UPON A TIME IN CHILDHOOD EDUCATION: THE BOOK “THE GIRL AND THE DRESS OF DREAMS” AS A CONSTRUCTION OF EXPERIENCE.

Ana Luiza Militão Selvati ¹

Dalva de Souza Lobo ²

Resumo

Neste trabalho buscou-se compreender de que forma a contação de história desperta a imaginação levando à construção de sentidos. Para tanto, o presente trabalho objetivou investigar a dramatização da história no âmbito do ensino e aprendizagem na educação infantil e: conceituar a dramatização de histórias. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia contou com pesquisa bibliográfica e a interpretação de fragmentos da obra A menina e o Vestido de Sonhos de Rampazzo, à luz dos conceitos de: voz, memória, performance e Zdp. Desse modo, espera-se contribuir para com os estudos da literatura infantojuvenil, sobretudo no tocante à contação de histórias, visto que ela potencializa a construção de conhecimento, sendo fundamental para o ensino e aprendizagem, contribuindo também para o desenvolvimento emocional, cognitivo, social e cultural.

Palavras-chave: Contação de histórias, educação infantil, voz e performance, zona de desenvolvimento proximal.

Summary

This article sought understand the way that storytelling awakes the imagination leading to the formation of the senses. For so, this resume goal was investigate the dramatization of the story in the field of education and learning in child education and: conceptualize the dramatization of stories. To reach the proposed goals, the methods relied on bibliographic research and the interpretation of fragments of the work The girl and the Dress of Dreams, from Rampazzo, in the light of the concepts of voice, memory, performance and Zdp. This way, we hope to contribute with the studies of juvenile literature, especially when it comes to storytelling, knowing that it potencializes the construction of knowledge, being fundamental for the teaching and learning, also contributing for the emocional, cognitive, social and cultural development.

Key words: storytelling, child education, voice and performance, zone of proximal development

Introdução

A arte de contar histórias faz parte da existência humana que busca, desde sempre, transmitir, oralmente, saberes e experiências às gerações seguintes, as quais puderam conhecer a história e cultura de seus antepassados, preservando e mesclando costumes e

¹ Graduanda de Pedagogia pela UFLA. E-mail: ana.selvati@estudante.ufla.br

² Doutora Dalva de Souza Lobo. Docente do Departamento de Gestão Educacional Teorias e Práticas de Ensino, DEP – UFLA. Email: Dalva.lobo@ufla.br

tradições. Assim, contos antigos, de origem popular, se disseminaram por meio das narrativas orais num processo dinâmico, culminando, entre outros gêneros, em poesias e cantigas que pela voz dos poetas rapsodos, que as interpretavam para as comunidades por onde passavam.

Tais histórias ainda se fazem presentes em nossa sociedade. Inspirados nos contos populares antigos, sejam eles escritos para leitura, sejam simplesmente oralizados, como o faziam os povos ágrafos, o importante é sua dramatização, por isso ela é fundamental para despertar a imaginação e a criatividade na medida em que transforma a realidade, contribuindo expressivamente para a aquisição de conhecimento pautada em uma educação para o sensível.

É fato que não há idade para ouvir, ler ou contar uma boa história, porém, para efeito de pesquisa, privilegiamos a dramatização de histórias para a educação infantil, tendo em vista o desenvolvimento cognitivo, no qual se inserem a linguagem emocional e o simbólico, entre outros aspectos fundamentais para a construção de conhecimento. São as imagens, as palavras, os gestos e os desenhos, entre outros elementos construindo as experiências por parte das crianças, que desenvolvem sua personalidade e adquirem conhecimento.

Partindo dessas considerações, o presente trabalho busca refletir sobre a dramatização de histórias no contexto do ambiente escolar, especificamente, na educação infantil, na medida em que é no universo escolar, no qual a criança passa a conviver de modo mais coletivo, que ela constrói sentidos devido à interação com outros sujeitos e formas de ver o mundo. É nesse contexto que elencamos a história A meninas de vestido de sonhos, na qual buscaremos a dramatização como forma de aprendizado.

Sabe-se que a sala de aula é um ambiente em que nos deparamos com diferentes personalidades e estilos de vida, sendo assim, é importante estimular a criança a se expressar e a contação de histórias pode se tratar da dramatização que reúne elementos lúdicos significativos para seu desenvolvimento emocional, cognitivo, social e cultural. No entanto, dramatizar histórias implica, por parte do professor ou do contador de histórias, um conhecimento sobre o gênero literário conto de fadas e sobre a dramatização, pois quanto maior o repertório leitor, mais benefícios poderão ser extraídos dessa performance.

É a partir dessas considerações que buscamos responder à pergunta que orienta a presente pesquisa, a saber: De que forma a dramatização do conto a menina e o vestido de sonhos, contribui para a construção de sentidos por parte da criança? A hipótese é de que a personagem que habita a história, mediante a interface entre realidade e ficção, estimula a criança, por meio da imaginação e da criatividade, a expressar seus pensamentos e sentimentos, permitindo, dessa forma, que ela construa sentidos sobre si, o outro, o mundo

e o contexto escolar, especificamente, na educação infantil, é um dos espaços privilegiados por estimular a interação.

A relevância da problematização remete ao quanto se tem falado sobre autocontrole. Controlar as emoções e sentimentos é uma questão de construção, um processo de amadurecimento, o qual precisa contar com o tempo de cada um, caso contrário, torna-se autômato em vez de se transformar em experiência e, futuramente, em memória. Ao ouvir histórias, as crianças se identificam com os personagens, com os sentimentos e é essa experiência que se transforma em memória.

O interesse pelo tema proposto se justifica pelo fato da experiência no universo da dramatização de histórias que se deu no ambiente escolar, despertando meu interesse em compreender como a dramatização de histórias contribui para o desenvolvimento da criança, e notei que o ato dramatizar histórias para a faixa etária de 03 a 06 anos, da educação infantil, é de suma importância, visto que envolve o processo de significação que leva a compreender valores e sentimentos, elaborando-os, além de desenvolver a criatividade e incentivar ao convívio na coletividade. Tais fatores contribuem para que a criança construa sua subjetividade na medida em que ela possa se expressar em diversas situações que poderão acontecer em seu dia a dia.

Desse modo, reitera-se a relevância pedagógica da dramatização de histórias, enquanto performance substantiva na relação de ensino e aprendizagem, sobretudo no que diz respeito à produção de sentidos por parte da criança e a escola tem papel fundamental nessa fase, podendo transformar e promover a socialização entre os sujeitos que com ela, a escola, interagem. Outro ponto importante é que a dramatização é uma forma plena e prazerosa de desenvolver uma prática pedagógica significativa.

Assim, para responder ao problema e verificar se a hipótese se confirma, assumimos como objetivo principal investigar a dramatização da história no âmbito do ensino e aprendizagem na educação infantil e como objetivo específico: conceituar a dramatização de histórias enquanto performance, e relacionar a dramatização de A meninas do vestido de sonhos, com a produção de sentidos na educação infantil.

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia adotada para a pesquisa é a de revisão bibliográfica, mediante leitura de obras e textos de teóricos que pesquisam o tema. O referencial teórico que oferecerá subsídios para a aplicação dos conceitos de voz e performance, se ancoram em Paul Zumthor e a Zona de Desenvolvimento Proximal ZDP, de Lev Vygotski. Quanto à metodologia, os procedimentos adotados tratam da apresentação de duas seções nas quais serão apresentados os conceitos e perspectivas de dramatização do

conto elencado os quais, com base no suporte teórico, buscarão responder ao problema de pesquisa para confirmar ou não a hipótese levantada.

A primeira seção dicorrerá sobre a contação de histórias na perspectiva da educação infantil, com base em Cléo Bussato e Fanny Abramovich, respectivamente. Para tanto, é preciso compreender como se configura o papel do narrador, uma vez que dele provém o enredo da história, no caso, o conto de fadas a ser dramatizado.

Ao iniciar uma narração é necessário compreender os elementos que a compõe, já que a história precisa fazer sentido, despertar a curiosidade, responder perguntas criadas na imaginação da criança, pensando nisso, no texto, Vygostky e a ZDP – 3 implicações pedagógicas, de Carlos Nogueira Fino (2001), Wertsch e Stone irá dizer que, Vygostsky pensou na noção de Zona de Desenvolvimento Proximal com intuito de lidar com questões práticas de psicologia educacional, para em seguida ajudar solucionar conflitos e os enfrentamentos, assim como fazem os personagens. Narrar ou encenar uma história vai para além de apenas narrar, envolve olhares, gestos, e até mesmo o silêncio em um momento inesperado.

Muitas são as formas de contar histórias, porém cabe ao narrador entender a necessidade e o desejo do momento e, sem ao menos perceber, ele cria a possibilidade para que o ouvinte interprete a história de acordo com suas emoções e vivências atuais, pois, conforme aponta autora Cléo Bussato (2011), não se trata de detalhar integralmente, mas, sim, despertar a curiosidade, envolvendo e encantando o ouvinte, para que ele possa (re)significar o que ouve e vê, e a dramatização de um conto de fadas traz esses elementos, motivo pelo qual leva à produção de sentidos, pois lida com sentimentos e sensações que fazem parte de seu cotidiano. Pensando nisso, esse ato de comunicação existente na contação de histórias remete a performance, objeto de estudo de Paul Zumthor, performance é tudo aquilo que compõe um texto, o ritmo, a interação, os sons, o silêncio, movimentos e quietudes, que fazem com que o ouvinte transcenda aquele lugar em que acontece a ação.

Na segunda seção tendo em vista os pressupostos que norteiam a contação de histórias, serão apresentados os conceitos elencados, a partir do referencial teórico privilegiado, visando a análise e interpretação do conto de fadas a menina e o vestido de sonhos de Alexandre Rampazo o intuito é identificar os elementos que configuram a dramatização, possibilitando a construção de sentidos, nessa perspectiva, retomaremos o referencial teórico privilegiado para analisar e interpretar o referido conto de fadas.

Finalmente, em considerações finais, retomaremos o problema de pesquisa para verificar se a hipótese se confirma, descrevendo alguns argumentos que sustentaram a pesquisa.

Drama da historia: A história na educação infantil. – Contação de histórias no século

XXI

O primeiro contato da criança com uma historia, é feito oralmente e geralmente tendo seus pais como personagens, uma vez que, quando pequenos são eles que leem contos de fada, bíblias, livros atuais ou não, curtinhos ou longos e até mesmo as inventam. Para as crianças, é de suma importância na sua formação ouvir historias, pois é o inicio de sua aprendizagem, o caminho para torna-los bons leitores, bem como, o inicio de sua compreensão de mundo.

O ato de ler historia para uma criança está diretamente ligado com o despertar de sentimentos provocados pelas situações em que os personagens então experienciando aquilo que é narrado, sendo aliado daquele momento das diversas emoções. É também provocar o utópico, ter curiosidades respondidas por meio de diversas perguntas, é imaginar como os personagens em questão tiveram ideias para encontrar determinada solução. Alguns obstáculos vão sendo enfrentados, sendo resolvidos pelos personagens de uma historia e no decorrer dela, a criança se identifica com um personagem, de acordo com o momento que a criança está vivendo internamente, e assim, poder esclarecer melhor seus conflitos ou buscar caminhos para resolvê-los.

É ouvindo historias que é possível sentir emoções que ajudarão no desenvolvimento da criança, tais como, o medo, a angustia, a tristeza, a insegurança, a tranquilidade, entre outras provocações que traz a narrativa ao enxergar com os olhos do imaginário. É através de uma historia que descobrem outros lugares e modos de agir, um olhar de uma nova ótica, é entender, as matérias básicas da escola, sem ao menos precisar saber o nome específico de cada uma, sem que pareça aula, e não deixe se ser leitura, para que não perca o prazer da mesma.

É através de uma historia que a criança descobre novas palavras, sons rimas, frases, nomes ou brincam com a melodia dos versos, além disso, é entender as nuances da fala, com o sentimento que deseja ser provocado. Ao contar uma historia, é importante que haja cuidado ao escolher o livro, buscando entender se estará de acordo com as necessidades da criança, ou para provocar seu mundo da imaginação, e se ao ler estará familiarizado com as palavras nela contadas, pois no decorrer da leitura o narrador deve entender a fala e o que o autor propõe fazendo pontos finais, pausas no lugar certo e ter folego para transição de página.

Para ainda, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar ruborizado porque não esperava encontrar um palavrão, uma palavra desconhecida, uma gíria nova, uma expressão que o adulto-leitor não usa normalmente... Aí não há como segurar a sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degringola. (ABRAMOVICH, 2009, p.20)

Para narrar, é importante que haja uma leitura previa da historia, já que, o contador tem que entender como ele irá se sentir como o livro o emociona ou irrita, assim, ao chegar o momento de contar a historia, ele consiga expressar a verdadeira emoção ao ouvinte. É importante que, o narrador passe confiança, busque a atenção e motive a admiração, fazendo como um artista que possui domínio técnico ao executar sua arte, que tem seu texto memorizado e que consiga articular a historia com facilidade.

Qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a acha particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição... O critério é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto (enquanto texto ou enquanto pretexto). (ABRAMOVICH, 2009, p.20)

Ao colocarmos em questão o contador deve entender sua mudança com o decorrer do tempo e ao traçar um caminho para o mesmo, vale ressaltar num primeiro momento o contador tradicional, o sujeito prevalecia à oralidade primária, ou mista, sendo a primária aquela oralidade que pertence a culturas que não possuem conhecimento da escrita, a secundária seria a atual em que vivemos a era tecnológica. Sendo assim, seria difícil encontrar pessoas que perpassam pela categoria primária, já que, as duas categorias estão paralelas e acabam se encontrando ou uma influenciando a outra. Hoje em dia, no contexto social em que vivemos, contar historias pode ser assimilado a perda de tempo, já que, pode ser observada a partir da falta de paciência para escutar o outro, para isso, a autora Bussato coloca:

E, na sequencia, procuro mostrar o outro lado, o da urgência de recuperar o tempo de ouvir. Nesse tempo de produção, parece que não há disponibilidade e serenidade para ouvir histórias, apesar do crescente interesse que se tem de observar pela narração oral. (BUSATO, 2011, p.20)

Ouvir requer quietude interna, bem como, se colocar atento ao que é lido, isso foi substituído por um excesso de pressa em achar que tudo se sabe, mesmo escutando pouco. O mundo em que hoje vivemos é movido pela informação, tudo que acontece no mundo chega

de forma simples, clara e resumida no conforto de nossas casas, isso faz com que o ouvinte não consiga colocar seus sentimentos e impressões dos fatos acontecidos, assim como afirma Bussato,

Narrações do mundo de agora, similares às narrações do mundo de outrora, quando as notícias também circulavam entre os povos por meio da narração oral, por meio da voz do contador de histórias, entanto com um diferencial: elas faziam ou não sentido para o ouvinte, de acordo com as histórias e o contexto em que o sujeito vivia. (BUSSATO, 2011, p.21)

O contador de histórias se mantém ativo, com os novos desafios da tecnologia, fazendo com que eles consigam se apropriar cada vez mais das tecnologias, e enfim, mostrarem sua arte de narrar. Por isso, pode-se prolongar a história, fazendo com que o ouvinte reflita de acordo com o caminho que ele deseja, assim, é considerável que o narrador traga o suspense, e deixe que o ouvinte reflita sobre o que lhe é apresentado, como o contador tradicional, que de forma intuitiva ou não, deixa a narração em aberto, como forma de fazer um convite ao ouvinte para que ele seja o próprio interprete de que foi narrado.

É considerável lembrar que, o contador tradicional quando narra um conto popular, como lendas, mitos, contos de fadas, o contador nesse momento deve se preocupar em possibilitar caminhos para o imaginário, e estimular o pensamento do que pode ter acontecido após aquele final. Que muitas vezes perduram na sociedade por tanto tempo, como o conto da Bela adormecida, que por um feitiço adormeceu por cem anos.

Ainda seguindo esse raciocínio, se o texto narrado é um relato pessoal, um fato vivido, ele é muitas vezes pontuado por pausas e silêncios, o tempo da memória do contador e também a trilha, que leva o ouvinte até o cenário da ação narrada, para repousar ali sua imaginação. Esses detalhes, nunca explicados, nunca preenchidos pelo conto e, conseqüentemente, pelo contador de histórias, transformam o ouvinte numa grande interrogação e se tornam elementos de encantamento e envolvimento, pois cabe ao ouvinte significar o narrador de acordo com seus referenciais internos. (BUSSATO, 2011, p. 22)

Cada narrador tem seu jeito particular de chegar, com acessórios ou não, uns com um teor de humor, outros de tragédia. Está em escolas, nas ruas ou até mesmo hospitais, congresso. Organizam encontros, ministram cursos, desenvolvem páginas na internet. Os contadores de histórias do século XXI estão em todo lugar, hipnotizando seus ouvintes de alguma forma.

Porém, vale ressaltar que, quem conta, conta sabendo e até quando não sabem,

buscam fazer cursos, ou até mesmo buscam a prática em apresentar. Procuram inúmeras formas de a narração já se configura em uma troca de experiência compartilhada.

O contador atual traz consigo influências dos seus meios de comunicação, seja eles, tv, rádio, internet, levando para sua narração traços de outras artes, assim o contador irá desenvolver sua arte através de experiências vividas, o por meio de cursos frequentados, assim como afirma Bussato,

A formação do contador ainda ocorre na informalidade, porém a institucionalização da arte de contar já vem acontecendo em algumas universidades, por meio de cursos de extensão; por órgãos públicos de cultura e educação; organizações privadas. (BUSSATO, 2011, p. 29)

Ao narrar, o contador tem de lidar com o imprevisto, além do imprevisível. A narração oral é usada como forma de despertar memória, ou seja, o contador de histórias no século XXI pode ter a função de recuperar memórias, relacionando o imaginário com o real, ressignificando momentos e lembranças do universo mítico, e através disso, fazer com que os contos remetam a experiências internas, e assim, produzam sentido, assim pode-se dizer que,

O contador de histórias só século XXI é um performer, um realizador, um artista. Ele atua numa área muito próxima às artes cênicas, sem dúvida, mas contar histórias não é como atuar numa peça de teatro. O que separa a narração oral do espetáculo cênico são as marcas frágeis, quase imperceptíveis, já que os elementos constitutivos de cada uma delas são praticamente os mesmos. São marcas pontuadas por pequenos detalhes que parecem distinguir a contação de histórias do teatro. (BUSSATO, 2011, p. 32)

O contador de histórias estabelece um contato próximo de intimidade com o ouvinte, já que, através dessa proximidade é possível ter o olho no olho, logo, proporciona uma relação entre quem narra e quem ouve. Sendo assim, o contador nesse momento assume o caráter de performer, assim como diz Bussato,

A contação de histórias, como a performance, é uma linguagem artística multidisciplinar, pois envolve letra feita voz, movimento feito imagem visual, som feito paisagem sonora. Na narração oral, como na performance, considera-se o corpo do artista como objeto da arte. (BUSSATO, 2011, p. 32)

Nesse sentido, a narração oral há uma representação de personagem, o ouvinte irá construir esse personagem, com base em seus referenciais internos. A ação performática é algo momentâneo, uma contação de histórias, mesmo que memorizada não será contada da mesma forma, por haver participação do ouvinte, seja ela intelectual, emocional, ou física, faz

com que a história se torne única, e assim ser alterada a cada vez contada.

Encontramos elementos únicos às duas expressões artísticas, como a capacidade de lidar com a memória das emoções, criação de imagens internas que se projetam durante a atuação, domínio técnico do corpo e da voz, capacidade de concentração na ação, ciência de estar presente no espaço físico, onde se desenrola a ação, clareza das intenções e dos objetivos que permeiam um texto, e um sentimento de verdade que perpassa essa performance. (BUSSATO, 2011, p. 34)

Buscar pelo contador de histórias, possibilita um olhar pessoal para o interior, através do imaginário criado, o contador usa a performance para possibilitar a ampliação de horizontes, bem como trazer a paz e o aconchego no mundo interior do ouvinte.

A ZDP e a performance na dramatização

No que se refere a Vygotsky, os processos psicológicos se dão a partir de dois planos, o primeiro são as relações do indivíduo com o meio social, que seria o interpsicológico e por meio do intrapsicológico a internalização construída por instrumentos e signos culturais, sendo signos culturais tudo aquilo que pode-se imaginar sem que haja necessidade de ver o objeto concreto, como por exemplo, uma criança sabe que não pode por a mão no fogo por já ter o conhecimento prévio de que aquilo queima, trata-se de uma teoria internalizada adquirida no início da vida que perdura por toda ela. Sendo assim, Vygotsky propõe dois tipos de teoria acadêmica e a espontânea que propõe variadas formas de serem adquiridas. Segundo Vygotsky

o conhecimento científico repousa em sistemas culturais que são transmitidos através da escolaridade formal. Em contraste, os conceitos de todos os dias adquirem-se através da participação em actividades da vida quotidiana, e começam por ser uma compreensão concreta de eventos e de fenómenos, que se vão tornando cada vez mais abstractos à medida que se movem "para cima" e vão sendo integrados em sistemas de conhecimento formal. Os conceitos científicos, por seu lado, adquirem-se por exposição verbal, e vão-se tornando mais significativos à medida que se movem "para baixo" e entram em contacto com objectos e eventos de todos os dias. (VYGOTSKY, 1978)

Assim, a função do narrador na contação de histórias, pode ser considerada uma forma de união das teorias citadas acima, uma vez que, o mesmo consegue provocar as relações mentais do real e do imaginário, unindo conhecimentos adquiridos no decorrer da vida com os novos que serão adquiridos. Como afirma Bussato,

Esses detalhes, nunca explicados, nunca preenchidos pelo conto e, conseqüentemente, pelo contador de histórias, transformam o ouvinte numa grande interrogação e se tornam elementos de encantamento e envolvimento, pois cabe ao ouvinte significar o narrado de acordo com seus referenciais internos. (BUSSATO, 2011, p. 22)

A contação de histórias é fundamental para a educação infantil, já que, é nessa fase que a criança começa a diferenciar sentimentos, sensações e desejos, nessa fase ela começa também a entender o mundo que a cerca, tais fatores são afirmados por Abramovich quando ela diz que,

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver pro fundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 2009, p. 17)

Sendo assim, a criança começa a desenvolver a partir daquilo que lhe foi apresentado, isso porque, o processo de desenvolvimento não corresponde ao processo de aprendizagem, primeiro a criança aprende para que em seguida ela se desenvolva, o que aprende é base para seu desenvolvimento. Para Vygotsky, esse processo de desenvolvimento possui dois tipos que devem ser considerados, o real e o proximal.

O desenvolvimento real seria a capacidade da criança resolver conflitos de forma independente, já o proximal ou ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) se caracteriza por medir o distanciamento real e potencial, isto é, solucionar problemas com orientação de um adulto. Para ele, o desenvolvimento vai além do que a criança é capaz de fazer sozinha, ele dirá que,

um aspecto particularmente importante da teoria de Vygotsky é a ideia da existência de uma área potencial de desenvolvimento cognitivo, definida como a distância que medeia entre o nível actual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade actual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes” (VYGOTSKY, 1978)

Em relação à performance, para Paul Zumthor ela está diretamente ligada a leitura, já que, o texto teatral procede de uma escritura enquanto sua transmissão requerer voz,

gesto e o cenário; e sua percepção, escuta, visão e identificação das circunstâncias (ZUMTHOR, 2007, p.61)

Assim, o autor afirma que quando se tem um texto escrito ele é fixado e quando há uma ação performática ele irá desenvolver suas percepções performáticas. Sendo assim, para ele, nos dias atuais com a inovação da tecnologia, a arte e a poesia está em uma nova etapa da oralidade, Zumthor a coloca como uma nova situação na ação do performer, a forma com que o público a recebe tem uma mudança. A voz fala e o corpo também, assim ele afirma que, "Nessa perspectiva que tento perceber que minha leitura dos textos dos quais extraio minha alegria está parte do meu corpo" (ZUMTHOR, 2007, p. 63)

Outro fator apresentado é a história e fases de um texto poético, essas fases são apresentadas em algumas etapas, a formação seria a primeira delas, quando o texto está sendo escrito. Em seguida a transmissão, quando o texto vai a público e assim irá organizar os seus pensamentos para que gere a recepção, o acolhimento do leitor, que constrói aquela leitura em seu interior e em consequente terão outros tipos de recepção, através da voz que aquele leitor dará ao que lhe foi transmitido. E essa voz que gera o prazer, que vem, com efeito, é um ato performático. A situação de performance na leitura, que para Zumthor significa "A presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília." (ZUMTHOR, 2007, p. 63).

O diálogo ente Vygotsky e Zumthor se dá justamente na medida em que a ZDP opera o simbólico transformando-o em atos, ou seja, a criança ao ouvir uma história sente-se tocada por ela, assim, pode transmiti-la para os colegas e, conseqüentemente amplia o conhecimento construído com outra criança. Bem como a percepção de olhar registra e gera outros sentidos, e assim os direcionam a realidade e por sua vez, a performance juntamente com a ZDP gera novas percepções e discussões atribuindo significado a ações que estão acontecendo a seu redor, ou seja,

O olho percebe uma frase graficamente contorcida em forma de rosa: simultaneamente ele olha a flor e lê a frase. A percepção do texto se desdobra. Da maneira mais banal, a maior parte dos poetas, hoje, imprime seus poemas distribuindo na página espaços vazios e palavras em uma ordem que é significativa, pois cria um ritmo visual, transformando o poema em um objeto. A leitura se enriquece com toda profundidade do olhar. (ZUMTHOR, 2007, p. 73)

Sendo assim, ao relacionarmos Vygotsky e Zumthor, podemos levar em consideração as ações que as crianças imitam e que vão além de sua capacidade intelectual, fazendo com

que ela amplie horizontes e entre no processo de atribuir significado ao que está ao seu redor, assim como na ZDP de Vygotsky, Zumthor com a performance dirá que, “Você lê o que os caracteres traçados escreveram sobre a página, e feito isto, passa diretamente a noção correspondente. A relação integrada se torna imediata entre o perceptível e o mental.” (ZUMTHOR, 2007, p.72)

Cabe ressaltar também o diálogo de Busatto, já que, em seu diálogo ela frisa a importância de fazer com que o ouvinte deixe que sua imaginação o provoque e o faça refletir, para que em seguida ele seja o próprio interprete do que lhe foi narrado, portanto é assim que, como citado acima por Bussato, a historia consegue provocar as diversas emoções e por sua vez, está ligada a performance E a ZDP já que, é através da imaginação e da ZDP que o ouvinte consegue relacionar o real com o imaginário e o contador por sua vez, tem o papel de performance, buscar interpretar e transmitir a historia através de gestos, voz e objetos para que o ouvinte possa a internalizar naquele momento e posteriormente fazer sentido.

A menina e o Vestido de Sonhos

A menina e o vestido de sonhos é um livro infantojuvenil, escrito por Alexandre Rampazo, no ano de 2009. Nele é contada a história de uma menina que construiu um vestido utilizando os sonhos das pessoas de sua cidade, em um certo momento ela percebe que falta os botões de amora de seu vestido, que seria o sonho de algum morador daquela cidade está faltando, ela decide então ir em busca desse morador e seus sonhos que estão perdidos em algum lugar.

Ela viaja por muito tempo em um balão em busca desse morador, durante seu trajeto, viaja por sua imaginação, passa por lugares que jamais imaginaria passar, ate que ela cai do balão em um mar de frutas vermelhas, que por sua vez tinha o formato de amora, cada uma tinha uma tinha um gosto e um cheiro, em seguida encontra um navegante, doo daqueles sonhos, que a explica que teve de deixar a cidade por ninguém acreditar em seus sonhos, resolveu ir para longe para que pudesse desfrutar deles e o viver inteiramente, ele então a entrega os botões que faltam para seu vestido. Na volta para sua cidade a menina então percebe que o que falta é devolver os sonhos para as pessoas para que elas possam o viver, então ao chegar a menina entrega os pedacinhos do seu vestido para cada morador e assim entende o motivo de sua viagem e a importância de que cada um viva seus sonhos.

Sendo assim, é possível relacionar o livro, a menina e vestido de sonhos com a importância de instigar a criança a usar sua imaginação, sonhar, e assim relaciona-las com os

conceitos aqui citados, já que é de suma importância que a criança desperte sua imaginação, e para isso pode ser usado como alternativa a contação de histórias, visto que nela é possível que a criança crie sentidos a partir do imaginário e do concreto.

Assim, ao relacionar com o conceito da ZDP, nota-se a possibilidade a interação, sendo assim, a criança interiorizará o conteúdo ouvido pela história contada bem como construirá conhecimento, o qual pode não ocorrer na totalidade, pois isso depende do quanto a criança está atenta à história e se sente provocada por ela. No entanto, é fato que os sentidos se construirão quanto mais ela tiver contato com a história.

As crianças imitam uma variedade de ações que vão para além dos limites das suas capacidades. Imitando, as crianças são capazes de fazer muito mais, em atividade colectiva, e sob a orientação de adultos. Como já foi indicado, a aprendizagem humana pressupõe, para Vygotsky, uma específica natureza social, sendo um processo, através do qual, a criança cresce dentro da vida intelectual dos que a rodeiam. (VYGOTSKY, 1978)

No que se refere ao livro a menina e o vestido de sonhos, a produção de sentidos através da ZDP se dá no momento em que a história toda a personagem transita do imaginário ao real, fazendo com que a teoria de vygotsky se concretize, já que ao imaginar ela está no processo intrapsicológico, e na criação de signos culturais, para que em seguida ela entre na concretização daquela imaginação, como citado na seção anterior.

Assim, um fragmento do livro que comprova tal fato é quando ela chega em sua cidade, já que o balão, o chapéu, o vestido, a menina, chapéu, cidade e pessoas fazem parte do mundo real e concreto, logo dos signos culturais, já o chapéu e o vestido feito dos sonhos das pessoas é algo que poderia levar o ouvinte a buscar em sua imaginação, “Desde então, naquela cidade as pessoas começaram a fazer chapéus de sonhos e, felizes, passaram a guardar seus sonhos no lugar de onde nunca deveriam ter saído: em suas cabeças.”. (RAMPAZZO, 2009). Portanto é notório que o livro transita entre os dois processos psicológicos de Vygotsky citados acima.

Quanto à relação com voz e performance, como já dito, elas dialogam com a ZDP tendo em vista que são, no mínimo, numa contação de histórias, dois ouvintes, o que conta e se ouve e o outro a quem a história é contada. Como é presente no livro A Menina e o Vestido de Sonhos, “- Quando vi seu balão, desejei que ele caísse no meu mar de amoras, para você não se machucar.” (RAMPAZZO, 2009). Desse modo, ao ouvir, a criança se apropria dos elementos da narrativa podendo, a seu modo, recontar a mesma, e nesse sentido, sua releitura

trata da performance zumthoriana.

Por isso, pode-se entender a importância das emoções, da proximidade que o contador cria com o ouvinte e quais recursos ele irá utilizar para fazer com que aquela história narrada contribua para o desenvolvimento infantil, citados aqui por Bussato e Abramovich, conceitos importantes para que haja interpretação e internalização da criança.

E assim ao relacionar com a performance que aponta que a forma com que se conta, a entonação da voz, os gestos corporais, os recursos utilizados seja com o próprio corpo, objetos ou adereços, influenciarão na forma com a criança irá receber, internalizar e por fim recontar/recriar o que lhe foi apresentado, assim ela consegue então fazer relação do imaginário com o real, seja ao demonstrar emoções ou em suas ações cotidianas.

Por isso pode-se utilizar de adereços para a contação em práticas pedagógicas como, a professora pode utilizar na contação um vestido e instigar que aquele é feito dos sonhos de cada um que está na sala, em seguida utilizar amoras para simbolizar os botões, mostrar o cheiro, o gosto e ao mesmo tempo colocar em seu vestido como botões, assim poderia explorar do conceito de performance, no livro de Rampazzo é possível fazer essa relação de real e imaginário por exemplo quando ele diz, “- Aqui alguém já sonhou botões de amora?” (Rampazzo, 2009), a amora e os botões são reais, a criança poderá juntar esses dois elementos que pode ou não ser de seu conhecimento e assim, usar da sua imaginação para posteriormente imaginar um botão de amoras.

Outro elemento que o contador poderia utilizar no momento da contação como possibilidade de aplicar o conceito de performance e a fala e os gestos por exemplo no momento em que a menina começa a procurar o que faltava em seu vestido, “Correu por toda cidade à procura dos tais botões. Procura daqui, procura de lá e nada de encontrar o tal sonho de botões de amora” (RAMPAZZO 2009), nessa parte do livro o contador pode explorar de sua voz transparecendo a aflição em procurar e não achar, bem como explorar também de todo espaço que tem em volta.

Considerações finais

Nessa pesquisa, observou-se que, baseados em conceitos de Zumthor e Vygotsky, a contação de histórias possibilita o entendimento da realidade a partir de sua relação com o imaginário estimulando o desenvolvimento e levando à criação de sentidos, mostrando o quanto enriquecedor é a dramatização da história no ensino e aprendizagem, bem como a história enquanto performance, para que assim a criança possa desenvolver também o conhecimento

de si e do outro, além de construir memórias.

Nesse contexto, ao interpretar os fragmentos da narrativa, infere-se que a hipótese se confirma, pois o livro *A menina e o vestido de sonhos* possibilita entender o quanto a personagem que habita a história, mediante a interface entre realidade e ficção, estimula a criança, a qual, por meio da imaginação e da criatividade, passa expressar seus pensamentos e sentimentos, corroborando tanto a proximidade da ZDP quanto a performance zumthoriana como elementos cruciais no processo de construção de sentidos.

Ao recontar/recriar uma história a criança a ressignifica, transformando aquele momento em uma experiência e posteriormente em memória. No contexto escolar, especificamente na educação infantil, recorte proposto para esse trabalho, confirma-se como um dos espaços privilegiados para que a relação entre ensino e aprendizado se efetive, tendo em vista ser um local que estimula a interação. Para isso é importante que o contador seja dinâmico, se aproprie da história, saiba de técnicas que possam fazer, ou não, com que o ouvinte se prenda aquele momento e o torne significativo.

Assim, a narrativa de Rampazzo, aqui pesquisada, configura-se como possibilidade de proporcionar de forma prazerosa, a construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **LITERATURA INFANTIL: Gostosuras e Bobices**. Ed. Scipione. 2009

BUSSATO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI: Tradição e Ciberespaço**. Ed. Vozs. 2011

FINO, Carlos. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): Três implicações pedagógicas**. Revista Portuguesa de Educação, vol 14, nº 2, pp. 273-291.

RAMPAZZO, Alexandre. **A menina e o Vestido de Sonhos**. Ed. Escala Educacional. 2009

ZUMTHOR, Paul. **PERFORMANCE, RECEPÇÃO, LEITURA**. Cosacnaify. 2007